

**Eixo 7** -Presencias “invisibles” en la historia de la educación: estudios de género, etnia y religión

## **O MEDO VAI À ESCOLA: HISTÓRIA DO MEDO ÉTNICO-RELIGIOSO E ENSINO OFICIAL DA HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRAS**

**Luiz Fernando Conde Sangenis<sup>1</sup>  
Geiziane Angélica de Souza Costa<sup>2</sup>**

O medo, a menos heroica das paixões humanas, foi tematizado historicamente pela obra sem precedentes do historiador francês Jean Delumeau (1978). Do autor aprendemos que não apenas os indivíduos, mas também as coletividades estão engajadas num diálogo permanente com o medo. Os medos que sentem os humanos e lhes perturbam o espírito, na sua dimensão mais íntima, são, por certo, inúmeros, inconfessáveis, insondáveis. Outros, no entanto, tornam-se públicos, tomam coletividades, geram ações sociais violentas ou atitudes preventivas de grupos ou classes contra outras. O trabalho de Delumeau, ainda que trate de circunstâncias geográficas e de tempos históricos distintos, é inspiração e referência para esta pesquisa. O objetivo é tematizar uma paixão particular e recorrente no âmbito da cultura brasileira: a história do medo étnico-religioso ante as religiões tradicionais que se configuram em bases culturais afro-brasileiras. Como todo o medo, o medo étnico-religioso tem uma história. A pretensão é a de discutir as causas histórico-culturais que elucidam a associação entre as religiões afro-brasileiras e suas práticas consideradas demoníacas. Nesta associação, encontra-se a raiz do preconceito que, secularmente, impera em nossa sociedade desde sua formação. Fundamentalmente, o medo étnico-religioso tem a sua origem não apenas na ignorância, nas ideias pré-concebidas ou no choque entre culturas, mas também em imemoriais interpretações bíblico-teológicas e em teorias pseudocientíficas que se tornaram correntes nas ciências sociais, a partir do Século XIX. O medo de que falamos toma oficialmente o espaço escolar e adentra as salas de aula, desde quando, no Brasil, foi sancionada a Lei 10.639, implementada em 2003, que estabelece, de forma obrigatória, o ensino da História e da Cultura Afro-Brasileiras, amparada no art. 26<sup>a</sup> da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). O preconceito histórico e socialmente construído, que nega e destitui de valor as religiões de matriz africana no Brasil, é um importante fator que dificulta o tratamento adequado das matérias e temáticas preconizadas pela Lei no currículo praticado pelos professores, em especial, por aqueles responsáveis pela disciplina de Religião. Orientações cristãs e pentecostais mais conservadoras têm tratado a cultura afro-brasileira de maneira limitada, estereotipada e restrita, sob uma visão maniqueísta que produz atitudes de demonização das experiências religiosas alheias. À pesquisa bibliográfica, somou-se a análise de entrevistas realizadas com docentes, que ministram aulas de religiões afro-brasileiras, e com seus

---

<sup>1</sup> Doutor em Educação pela UFF, Professor Associado da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), membro permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação – Processos Formativos e Desigualdades Sociais – FFP/UERJ. E-mail: lfsangenis@gmail.com

<sup>2</sup> Graduada em História pela UFF, Especialista em Ensino de História e Ciências Sociais pela UFF, Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação - Processos Formativos e Desigualdades Sociais da FFP/UERJ e Professora da Rede Pública do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: geizianecosta@hotmail.com

alunos. O medo de tratar das religiões de matriz africana, pejorativamente chamadas de *macumba*, tem outra face, já que estudantes, praticantes e adeptos das religiões afro-brasileiras, como é comum acontecer em outros âmbitos sociais, também temem sofrer violências e serem discriminados dentro das escolas. Escondem sua opção religiosa pelo medo da rejeição e do preconceito, e por não terem garantida materialmente a liberdade religiosa como direito fundamental da pessoa humana e parte inalienável da formação de sua identidade para o alcance pleno de sua cidadania. Algumas práticas desenvolvidas nos espaços escolares têm confirmado que o conhecimento é o antídoto contra o medo, a ignorância e o preconceito, de modo que a escola tem uma importante e inescapável tarefa educativa a cumprir.